

A dimensão mimética da linguagem¹

Sônia Cupertino de Jesus²

“A linguagem afirma a pessoa humana e a humanidade como sujeitos de seu destino. É por meio da linguagem que, na condição de indivíduos, dimensionamos o nosso mundo interior, o mundo ao nosso redor, o mundo com o qual sonhamos. Também por meio dela, a humanidade pode dimensionar seus valores, suas relações sociais, suas aspirações de justiça e liberdade.

Ao realizar-se no diálogo, a linguagem nos permite ir além de nossos limites individuais e dos limites do estado de coisas existente no mundo. Ir ao encontro do outro significa sair do nosso mundo particular, expressar nossa individualidade, acolher a diferença. Transpor essa fronteira significa superar a indiferença e o individualismo da vida moderna e descobrir que na interação podemos construir e compartilhar um mundo melhor.” (BRASIL, 2001)

Citado por Goldfeld (1997), Vygotsky trabalhou e pesquisou sobre todas as deficiências, inclusive a surdez, e afirmou ser a surdez a deficiência que causa maiores danos aos indivíduos, pois atinge precisamente a função que nos diferencia dos animais: a linguagem e suas possibilidades infinitas de utilização, dando um salto do sensorial para o racional.

Por termos, nós ouvintes, uma linguagem fundamentada no canal auditivo-oral, utilizada pela grande maioria da sociedade, o surdo encontra aí a grande dificuldade em se comunicar. O canal

1 Trabalho apresentado pela professora de LIBRAS Sônia Cupertino de Jesus, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, na Semana de Fonoaudiologia, e dramatizado pelos alunos do 7º período: Claudia Rizzato, Edymar Abreu, Elaine Fernandes, Gladicilene Couto, Jaqueline Magluf, Talita Silveira, Taíse Ferreira, Talitba Werneck e Valéria Almeida. No universo da mímica, a expressão corporal e facial teve enfoque na música “Você não me ensinou a te esquecer”, com os alunos do 8º período. Alessandra Mendes, Érica Gonçalves Cardoso, Joseane de Abreu Duarte, Marcelo Bassoli e Tatiany Duque. Participação especial: Gabriel e Jaqueline (Surdos).

2 Formação Acadêmica: Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa (CES/JF). Pós-Graduada em Mídia e Deficiência pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestranda em Letras (CES/JF). Professora de LIBRAS Aplicada no curso de Fonoaudiologia do CES/JF e do curso Normal Superior da Faculdade Metodista Granbery. Intérprete de Libras da Prefeitura de Juiz de Fora, atuando no Departamento da Pessoa Portadora de Deficiência (DEPD), no CMPD (Conselho Municipal de Pessoa Portadora de Deficiência), bem como nos eventos, encontros, seminários e conferências na cidade.

liberado e compensatório para este sujeito, como meio de comunicação, é gestual-visual, que utiliza movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto diferencia-se da Língua Portuguesa, uma língua de modalidade oral-auditiva, que utiliza, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pela audição.

Termos: linguagem, língua, fala e signo

Os termos linguagem, língua, fala e signo são utilizados por diversos autores com diferentes sentidos. Na área da surdez, em alguns contextos, estes termos ganham conotações diferentes das utilizadas usualmente em outras áreas de conhecimento (Goldfeld, 2002). Em 1916, Saussure sistematizou conceitos sobre: linguagem, língua, fala e signo.

Saussure diz que a linguagem é formada pela língua e fala. A língua é tida como um sistema de regras abstratas compostas por elementos significativos inter-relacionados. (Goldfeld, 2002).

Vygotsky (1988) deu especial atenção ao estudo de signos como mediadores. Explicado como algo que representa idéias, situações ou objetos, o signo tem função de auxiliar da memória humana, e é utilizado para lembrar, registrar, acumular informações, etc. Durante o desenvolvimento cultural da criança, o signo e o instrumento, ambos caracterizados por sua função mediadora, se inter-relacionam conforme o homem interage com o mundo.

Ele menciona que, inicialmente, a criança, em seu desenvolvimento, depende muito de signos externos e, conforme vai se desenvolvendo, ela passa a vivenciar, através da atividade mediada, processos internos de auto-regulação, passando a trabalhar com os signos internamente. O desenvolvimento da linguagem surgiu a partir de uma capacidade mimética original, pelo qual o homem descobria, na natureza, semelhanças e correspondências.

Segundo a teoria mimética, a linguagem teria surgido de uma mímica gestual primitiva. O som teria sido, de início, um simples acompanhamento do gesto, uma duplicação fonética da mimesis do corpo. (Jobim e Souza, 1994, p.138)

Citado por Jobim e Souza (1994), Benjamim entende que, longe de ser um sistema convencional de signos, a linguagem mantém com as coisas uma relação não-arbitrária, ou seja, ela é o *medium* onde se refletem processos reais.

Benjamin quer encontrar uma compreensão das transformações da função simbólica, buscando traçar a história dessas transformações, pois sua crença é de que as forças miméticas não permaneceram as mesmas e se modificaram no curso do tempo. Com a passagem dos séculos, diz ele, a energia mimética — e, com ela, o dom de apreensão mimética — abandonou certos espaços, talvez ocupando outros. (Jobim e Souza, 1994, p.140)

Entendemos que a Língua Brasileira de Sinais perpassa esses conceitos, pois a linguagem dos surdos na maioria das vezes é gestual, sendo a mímica uma das formas de comunicação.

As línguas de sinais são sistemas de sinais independentes das línguas faladas. Contrariamente a uma idéia preconcebida, não existe uma língua de sinais utilizada e compreendida universalmente. As línguas de sinais praticadas nos diferentes países diferem uma das outras. No Brasil, temos a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); nos EUA utiliza-se a ASL (*American Sign Language*); e na França a LSF (*Langue de Signes Français*). Existem, também, como para as línguas orais, dialetos ou variabilidade regional dos sinais, é uma língua que tem estrutura própria. Um sinal gestual remete e um conceito, não existindo uma correspondência termo a termo com a língua oral. Sendo assim, a língua de sinais é uma língua de dimensão espacial e corporal. (Cupertino, 2004).

Embora, no mundo moderno, o desenvolvimento da fala se dê em uma escala maior, as mímicas aparecem em menor quantidade, e dentro do contexto da comunicação com indivíduos surdos, a mímica tem o seu lugar. Pensamos que a primeira forma de linguagem apresentada na criança é o gesto, pois, antes de usar as palavras, ela utiliza sinais para expressar o que deseja. Assim, a mímica é importante para concretizar uma boa comunicação.

Concluimos que, assim como a mímica foi importante para o homem chegar ao desenvolvimento desta linguagem falada e escrita, é muito importante que os ouvintes entendam que a LIBRAS também é uma língua. Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um

determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou espaço em frente ao corpo. De acordo com a Lei 10.436/02, LIBRAS é uma Língua, própria da comunidade surda.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Libras em contexto — curso básico — livro do estudante/cursista. Brasília: SEESP, 2001.

GOLFELD, Márcia. A criança surda. Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997

JOBIM, e Souza, Solange. Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim. Campinas: Papyrus, 1994.

CUPERTINO, Sônia de Jesus. Surdez, Linguagem e Aprendizagem. Monografia (Especialização em Mídia e Deficiência) - Curso de Pós-Graduação em Comunicação. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2004.